

NORMAS E INSCRIÇÃO DOS RESUMOS PARA OS GTS - GT-14  
(PRESENCIAL): CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS POÉTICAS  
BRASILEIRAS, PORTUGUESAS E AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**MEMÓRIA, CORPO E IDENTIDADE EM O CRIME DO CAIS DO VALONGO,  
DE ELIANA ALVES CRUZ**

*Adelita Dias (mariano.adelita@gmail.com)*

*Thiago Monteiro Do Carmo (thiago.monteiro@unemat.br)*

A literatura afro-brasileira contemporânea tem ocupado um lugar central na disputa simbólica por memória e representação. Diante do silenciamento histórico da experiência negra e da violência inscrita na narrativa oficial, escritoras como Eliana Alves Cruz reconstroem o passado pela via da ficção, transformando a literatura em um campo de reexistência política e estética. Este trabalho parte da hipótese de que *O crime do Cais do Valongo* (2018) opera como uma contra-história afro-brasileira, ao reinscrever a diáspora e a herança da escravidão no presente por meio das categorias de memória, corpo e identidade. O objetivo é compreender como essas dimensões se articulam na obra para tensionar a historiografia e reinscrever vozes silenciadas, transformando o texto literário em espaço de resistência e reconstrução identitária. A abordagem é qualitativa, com base na leitura crítica e interpretativa do romance, sustentada pela análise cultural e pela crítica literária afro-diaspórica. O referencial teórico mobiliza os estudos da memória (Halbwachs, Le Goff, Ricoeur e Bergson), da identidade (Hall, Bauman, Carneiro e Evaristo) e do corpo (Foucault, Xavier, Hooks, Akotirene e Kilomba), articulados à perspectiva da decolonialidade e do feminismo negro. A leitura

revela o Cais do Valongo como “lugar de memória” (Le Goff, 1990) e o corpo negro feminino como arquivo vivo do trauma e da resistência, onde se inscrevem tanto a violência colonial quanto a potência de reexistir. Em Cruz, o cadáver não é apenas uma vítima, mas um símbolo da herança escravista; e o corpo feminino, um território político de fala. A identidade das personagens emerge entre fraturas e reinvenções, em um movimento que transforma a dor em narrativa. Os resultados apontam que o romance de Eliana Alves Cruz não apenas revisita o passado, mas o reinscreve criticamente, expandindo o cânone e instaurando novas epistemologias literárias. Conclui-se que O crime do Cais do Valongo é mais do que ficção histórica: é um gesto de memória e insurgência, em que narrar é existir e existir é resistir.

Palavras-chave: memória; corpo; identidade; literatura afro-brasileira; eliana alves cruz.